

IMAGINÁRIO COLETIVO SOBRE DEPRESSÃO PÓS-PARTO: EM POSTAGENS DO FACEBOOK DE JULHO A DEZEMBRO DE 2016

Gustavo Renan de Almeida da Silva

Faculdade de Psicologia
Centro de Ciências da Vida
gustavo.ras@puc Campinas.edu.br

Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

Atenção psicológica clínica em instituições: prevenção e intervenção
Centro de Ciências da vida
tania.vaisberg@puc-campinas.edu.br

Resumo: *Este trabalho objetiva investigar psicanaliticamente imaginários coletivos relativos à depressão pós-parto. Justifica-se na medida em que tais imaginários conformam-se como locus privilegiado em buscas de produção de conhecimento compreensivo relativo aos modos como a maternidade está configurada na nossa sociedade. Utilizou, como material, todas as publicações da página “Depressão pós-parto e maternidade” do Facebook, postadas entre julho e dezembro de 2016. A consideração psicanalítica do material permitiu a produção interpretativa de dois campos de sentido afetivo-emocional. O primeiro, “Vivo por você, existo por você”, organiza-se ao redor da fantasia de que a mulher-mãe deveria existir exclusivamente para os filhos. Já o segundo campo, “Nasci para cuidar”, organiza-se ao redor da fantasia de que a mulher-mãe está naturalmente preparada para o cuidado familiar. O quadro geral indica um cenário conservador sobre o papel de mulheres-mães e homens-pais no que tange ao cuidado e ao mundo privado, o que acaba por diferenciar suas atribuições na família contemporânea, na dinâmica familiar e nas relações parentais. Sendo assim, espera-se que este trabalho possa fomentar diálogos e posturas críticas entre profissionais e população em geral, permitindo maneiras mais saudáveis, criativas e autênticas de se relacionar com o outro e com o mundo, menos ancoradas em estereótipos de gênero e discursos sociais.*

Palavras-chave: *Maternidade, Imaginário coletivo, Depressão pós-parto.*

Área do Conhecimento: 7.00.00.00-0 (Ciências Humanas) – 7.070.000-1 (Psicologia) – CNPq.

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho objetiva investigar psicanaliticamente imaginários coletivos relativos à depressão pós-parto, a partir da dramática de vida de mulheres-mães. Justifica-se esse recorte do problema pelo viés da maternidade, ao invés da parentalidade, pois, na sociedade contemporânea ocidental, o cuidado às

novas gerações parece ser entendido como responsabilidade exclusiva materna, o que pode gerar sofrimento significativo para as mulheres-mães ^[1, 2].

Pesquisas recentes sobre imaginários coletivos, entendidos como conjuntos de condutas ^[3], inseridas num capítulo maior que versa sobre a maternidade, parecem indicar que a figura materna permanece sendo muito exigida como cuidadora da prole ^[1, 2]. Acreditamos que tais achados podem ser proveitosamente considerados na delimitação do problema de pesquisa deste trabalho, ao entendermos a maternidade como um fenômeno concreto devidamente inserido em contextos macrosociais.

Scavone ^[4] lembra que a maternidade configura-se como uma organização social muito importante ao considerarmos o papel da mulher e da mãe em sociedades androcêntricas, como no caso da brasileira, e não como um evento exclusivamente biológico. Não é em vão que a maternidade ainda é entendida, na nossa cultura, como uma obrigação biológica da mulher.

Mesmo que contribuições provenientes de debates feministas possam estar modificando práticas na nossa sociedade, percebemos que, no que tange à maternidade, o cuidado infantil ainda recai quase que exclusivamente sobre a genetriz ^[5]. Entendemos que esse tipo de configuração social repercute emocionalmente em mulheres e mães, além de crianças, adolescentes e famílias em geral, o que pode engendrar sofrimento significante.

Deste modo, posicionamo-nos de maneira a valorizar as condições concretas dentro das quais o drama humano transcorre. A partir da dramática de vida de mulheres-mães, objetivamos investigar imaginários coletivos relativos à depressão pós-parto.

2. OBJETIVO

Investigar psicanaliticamente imaginários coletivos relativos à depressão pós-parto.

3. MÉTODO

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa com o uso do método psicanalítico. Ao passo que psicanálise pode ser definida como um método de investigação, um conjunto de teorias e procedimentos clínicos [6], é do método, baseado na *démarche* da atenção flutuante e da livre associação de ideias, que derivam as inúmeras doutrinas e os procedimentos clínicos, seja em enquadres clássicos ou diferenciados, como bem demonstrou Herrmann [7].

Nós, como grupo de pesquisa, temos atendido às demandas epistêmico-metodológicas de Politzer [8] e de Bleger [3]. Deste modo, conforme preconizado pela psicologia concreta, aderimos ao método psicanalítico, valorizando o drama devidamente contextualizado em detrimento de teorias fisicalistas e metapsicológicas. Clarificamos, portanto, os conceitos utilizados metodologicamente, além dos procedimentos investigativos por nós adotados. Valemos dos conceitos de conduta, de campo de sentido afetivo-emocional e de imaginário coletivo.

De acordo com Bleger [3], conduta pode ser definida como toda e qualquer manifestação humana. Esse fenômeno implica manifestações em três grandes áreas: mental, corporal e/ou de atuação no mundo externo. Cabe ressaltar que a existência de processos mentais não significa que haja uma substância chamada “mente”. Deste modo, a conduta sempre deve ser entendida como um fenômeno unitário, configurando-se como manifestação vincular que emerge de campos e não como produto da ação da repressão de um suposto aparelho psíquico.

Neste âmbito teórico, as condutas emergem de campos cujo caráter são inerentemente não-conscientes. Ou seja, os campos, por nós denominados de campos de sentido afetivo-emocional, podem ser definidos como o inconsciente intersubjetivamente plasmado. Trabalhamos, portanto, com uma concepção de inconsciente que se desdobra nos vínculos humanos e não como uma segunda mente. Assim, criar/encontrar campos como campos de sentido afetivo-emocional significa chegar interpretativamente aos determinantes emocionais dos fenômenos humanos.

Definimos imaginários coletivos, conforme derivado do conceito de conduta [3], como conjuntos de produções ideofativas coletivas. Como conduta, emergem dos campos de sentido afetivo-emocional e, dialeticamente, formarão novos campos.

Por sua vez, os procedimentos investigativos, que se conformam como operacionalização do método psicanalítico, a fim de cumprir o objetivo de

pesquisa, foram:

1. Procedimento investigativo de seleção do material
2. Procedimento investigativo de registro do material
3. Procedimento investigativo de interpretação do material

Visando cumprir o procedimento investigativo de seleção do material, utilizamos, no Facebook, o termo “depressão pós-parto”. Ao nos depararmos com a primeira página resultante desta busca, percebemos um baixíssimo número de postagens, além de baixa periodicidade de publicação. Assim, optamos pelo segundo resultado da listagem, isto é, a página “depressão pós-parto e maternidade”, cujo conteúdo do dia 1 de julho a 31 de dezembro de 2016 foi salvo, constituindo-se como material utilizado nesta pesquisa.

No que tange ao procedimento investigativo de registro do material, transcrevemos as postagens selecionadas exatamente tal como surgiram on-line, afim de salvá-las em um documento a parte. Isso se fez necessário, pois conteúdos disponíveis na rede podem, eventualmente, ser deletados e, assim, perder-se o acesso ao material selecionado.

Em relação ao procedimento investigativo de interpretação do material, lemos as publicações selecionadas em âmbito do grupo de pesquisa, além dos impactos emocionais constelados no encontro com as postagens. Deste modo, tomamos as palavras de ordem de Herrmann [7] como guias à criação da interpretação psicanalítica, ou seja, da enunciação dos campos. São essas: “Deixar que surja”, “Tomar em consideração” e “Completar a configuração do sentido emergente”.

Após termos cumprido os procedimentos investigativos, realizamos as interlocuções reflexivas. Neste momento, cessamos o uso do método psicanalítico a fim de aprofundarmos a nossa compreensão, à luz das contribuições de outros autores, psicanalíticos ou não, sobre os resultados, ou seja, os campos de sentido afetivo-emocional.

4. CAMPOS DE SENTIDO AFETIVO-EMOCIONAL E INTERLOCUÇÕES REFLEXIVAS

A consideração psicanalítica do material permitiu-nos produzir interpretativamente dois campos de sentido afetivo-emocional. O campo “Vivo por você, existo por você” se organiza ao redor da fantasia de que a mãe deveria existir exclusivamente para os filhos. O campo “Nasci para cuidar” se organiza ao redor da fantasia de que a mulher-mãe está naturalmente preparada para o cuidado familiar.

4.1. Vivo Por Você, Existo Por Você

Este campo aponta para a normalização existente, na contemporaneidade ocidental, do exercício da maternidade de modo naturalista, integral e intensivo [9]. Em outras palavras, foi possível perceber, no material trabalhado, que a mulher-mãe é vista como biologicamente obrigada a gestar e parir, e cujo dever social deveria ser dedicar-se exclusivamente ao seu filho.

Sendo assim, a maternidade é entendida como fenômeno que confere significado à existência da mulher, correspondendo ao ideal de feminilidade [9, 10, 11, 12, 13]. Logo, é evidente que as mulheres que expressam recusa à maternidade são tidas como anormais e desviantes [11, 14, 15], pois uma “mulher normal” deveria desejar ardentemente ser mãe e amar plena e incondicionalmente seu filho, desde a descoberta da gestação [10, 15].

Portanto, nesta perspectiva, podemos pensar que a mulher-mãe deveria abdicar de si própria e de suas necessidades, servindo de mero uso instrumental para a procriação e também para suprir os desejos do filho. Vale destacar que, por meio de políticas de Estado [9, 16], de plataformas sociais [9] e do discurso científico e religioso [10, 11, 13, 15], essas obrigações à mulher seriam reiteradas.

Desta forma, caberia à mulher, neste campo no qual diversos grupos sociais transitam, “ser uma boa mãe”, isto é, desejar um parto natural [9], amamentar [17], colocar a criança em primeiro lugar, tudo suportar, sofrer calada, ser recatada, generosa e compreensiva [15], sacrificar sua própria vida e desejos pelo bem-estar dos filhos [10], dentre outros.

Esperar-se-ia, portanto, sacrifício, amor incondicional e disponibilidade completa da mulher-mãe para com seus filhos [18]. Caberia a ela cuidar-los e educá-los, visto ser detentora de um suposto “instinto natural” para cumprir com esses deveres [13]. Contudo, a busca por corresponder a esse perfil, ou mesmo a fuga dele, pode promover sofrimento clinicamente significativo [11, 12].

4.2. Nasci Para Cuidar

Mesmo a despeito das transformações nos papéis sociais e na dinâmica das famílias contemporâneas, como, por exemplo, as mudanças advindas com o feminismo [15], ainda foi possível considerar, no material estudado, fantasias segundo as quais a mulher-mãe estaria naturalmente preparada para o cuidado familiar.

Nesta concepção, as mulheres são vistas como as principais cuidadoras do lar e dos filhos [11, 13, 19], como também as responsáveis pela prevenção da gravidez [10]. Portanto, pode-se dizer que o cuidado familiar deixaria de pertencer à esfera humana, para recair única e exclusivamente sobre a mulher-mãe.

O discurso científico apresenta-se como um importante expoente na manutenção desses estereótipos. Como exemplo, pode-se citar o fato de que os estudos sobre a relação mães-filhos são três vezes mais abundantes que os estudos sobre pais-filhos, reiterando a ideia construída sócio-históricoculturalmente de que as crianças devem ser cuidadas pelas mães [19].

A psicologia também traz contribuições para esse cenário, visto o grande número de teorias do desenvolvimento infantil que expressam a importância do papel materno e da díade mãe-criança. Não obstante, dentre suas diversas correntes teóricas, a produção psicanalítica metapsicológica pode ser entendida como uma das responsáveis por fazer da mãe um determinante para a saúde ou adoecimento psíquico da criança [19].

Portanto, se faz possível considerar que ainda persiste a fantasia de que a relação mãe-filho é básica, natural, universal e psicologicamente mais apropriada do que a relação pai-filho para o desenvolvimento físico, emocional e cognitivo da criança [9, 11, 12, 16, 19, 20]. No material estudado, essa tônica emergiu como argumentos baseados numa suposta natureza feminina mais inclinada para o cuidado, além da fantasia de que o homem-pai “não saberia cuidar” do lar ou dos filhos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir acerca das fantasias discutidas neste trabalho, assim como suas implicações e construção, se faz uma necessidade política na luta pela igualdade de gênero [10]. Percebeu-se que os papéis sociais de mulheres-mães e homens-pais, na contemporaneidade ocidental, são incentivados e reiterados por diversos meios, como por exemplo em brincadeiras infantis e discursos que circulam na vida cotidiana, inclusive no meio científico/acadêmico.

Segundo essa tônica, caberia à mulher-mãe existir exclusivamente para gestar, parir e cuidar de seus filhos, destituída de seus próprios desejos e necessidades, o que é justificado por um suposto “instinto natural” na díade mãe-bebê. Logo, podemos pensar na mulher-mãe como mera “figurante”, cujo uso instrumental serviria para garantir o desenvolvi-

mento saudável da criança, experiência esta que deve ser vista como edificante e recompensadora.

Do homem-pai, por sua vez, é cobrado o sustento financeiro de sua família, sendo apenas coadjuvante nos cuidados do lar e nas relações familiares. Percebe-se, no material estudado, uma mulher-mãe tradicional, casada com um homem-pai ausente e distante, alienado dos assuntos que tange ao cuidado familiar e ao mundo privado.

Embora as mudanças advindas do feminismo, o qual permitiu abordar a maternidade como símbolo de opressão, realização ou simplesmente uma experiência humana ^[15], ainda encontramos, no presente trabalho, um cenário conservador sobre os papéis de gênero.

Essas fantasias acabam por diferenciar o papel de mulheres e homens na família contemporânea, como também a maneira com que mães e pais se relacionam com seus filhos. Portanto, observam-se concepções distintas quanto ao lugar de mulheres e homens na dinâmica familiar, o que resulta em diferentes formas de relação e interação parental ^[19] e familiar.

Sendo assim, esperamos, com este estudo, poder fomentar diálogos e posturas críticas entre profissionais e população em geral, permitindo maneiras mais saudáveis, criativas e autênticas de se relacionar com o outro e com o mundo, menos ancoradas em estereótipos de gênero e discursos sociais.

AGRADECIMENTOS

Ao Fundo de Apoio à Iniciação Científica – FAPIC/Reitoria – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, pela bolsa de Iniciação Científica; a Prof^a Livre Docente Tânia Aiello-Vaisberg e a todas/os do grupo de pesquisa, especialmente ao Carlos Visintin, pela rica troca em diversos momentos.

REFERÊNCIAS

- [1] Visintin, C. N., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2017), Maternidade e Sofrimento Social em Mommy Blogs Brasileiros, *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, vol.19, n.2, p.98-107.
- [2] Schulte, A. A. (2016), *Maternidade contemporânea como sofrimento social em blogs brasileiros*, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, BR.
- [3] Bleger, J. (1989), *A psicologia da conduta*, Artes Médicas, Porto Alegre, RS.
- [4] Scavone, L. (2001), A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais, *Cadernos Pagu*, n. 16, p.137-150.
- [5] Maux, A. A. B., & Dutra, E. (2009), Do útero à adoção: a experiência de mulheres férteis que adotaram uma criança, *Estudos de Psicologia (Natal)*, vol.14, n.2, p.113-121.
- [6] Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1967), *Vocabulário de psicanálise*, Moraes Editores, São Paulo, SP.
- [7] Herrmann, F. (1979), Andaimos do Real: Uma revisão crítica do método da psicanálise, E.P.U, São Paulo, SP.
- [8] Politzer, G. (2004), *Crítica dos fundamentos da Psicologia: a psicologia e a psicanálise*, Unimep, Piracicaba, SP.
- [9] Alves, K. M. C. V. (2014), Subjetivação da mãe naturalista como modelo: a maternidade como efeito das pedagogias culturais, *Revista Periódicus*, vol.1, n.2, p.1-14.
- [10] Lauxen, J., & Quadrado, R. P. (2018), Maternidade sem romantismos: alguns olhares sobre as maternidades e os sujeitos-mãe na contemporaneidade, *Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, n.4, p.1-10.
- [11] Azevedo, R. A. (2017), “*Amo meu filho, mas odeio ser mãe*”: reflexões sobre a ambivalência na maternidade contemporânea, Monografia de Especialização, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, BR.
- [12] Alberturi, P. S., & Stengel, M. (2016), Maternidade e novos modos de vida para a mulher contemporânea, *Psicologia em Revista*, vol.22, n.3, p.709-728.
- [13] Reis, L. A., Souza, R., & Marinho, M. S. (2014), As concepções de mulheres do sudoeste baiano sobre a maternidade na contemporaneidade, *InterScientia*, vol.2, n.2, p.38-55.
- [14] Colares, S. C. S., & Martins, R. P. M. (2016), Maternidade: uma construção social além do desejo, *Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde*, vol.6, n.1, p.42-27.
- [15] Vásquez, G. (2014), Maternidade e feminismo: notas sobre uma relação plural, *Revista Trilhas da História*, vol.3, n.6, p.167-181.
- [16] Lauand, T., & Pagliarini, A. C. (2016), Igualdade na paternidade e na maternidade, *Meritum*, vol.11, n.2, p.13-38.

- [17] Sales, A. T. B., Coutinho, D., & Souza, A. C. (2015), A construção histórica da imagem de “boa mãe”: o imperativo da amamentação, *Revista formadores: vivências e estudos*, vol.8, n.3, p.10-22.
- [18] Travassos-Rodriguez, F., & Féres-Carneiro, T. (2013), Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões, *Tempo psicanalítico*, vol.45, n.1, p.111-121.
- [19] Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2011), Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear, *Psicologia Argumento*, vol.29, n.64, p.31-39.
- [20] Gradwohl, S. M. O., Osis, M. J. D., & Makuch, M. Y. (2014), Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade, *Pensando Famílias*, vol.18, n.1, p.55-62.